

SOB O IMPÉRIO DA TECNOLOGIA**Alvaro Santos Simões Junior**

ANTUNES, Benedito (org.). **Memória, literatura e tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

O livro *Memória, literatura e tecnologia*, organizado por Benedito Antunes, reúne oito textos apresentados no decorrer do II Encontro do CEDAP, realizado em abril de 2000, e um único texto de origem diversa. Em pouco mais de cem páginas, discutem-se questões que refletem o impacto da informática e de outros avanços tecnológicos recentes sobre várias áreas do conhecimento.

No primeiro texto, intitulado “Saber o/no/do ciberespaço”, Alckmar Luiz dos Santos examina as implicações epistemológicas do uso disseminado do novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Assistir-se-ia atualmente à construção de um conhecimento que se processa no espaço reticular da *internet* como decorrência de novas modalidades de edição, circulação e leitura de textos. Meio absolutamente revolucionário, o ciberespaço apresentaria entretanto alguns problemas, tais como a hiperinflação informativa e as falácias da equivalência ou homogeneidade entre os textos, do saber universal, da ausência completa de centralidade e da capacidade de autonomia ou espontaneidade. A construção bem sucedida do “saber internético” (sic) dependeria da circulação motivada e bem-sucedida de informações, da concreta e verdadeira inter e transdisciplinaridade e da descoberta e exploração de novos ritmos de conhecimento; dependeria, em última instância, de que o homem colocasse a tecnologia a seu serviço e não se submetesse irrefletidamente a ela.

Apresentado em outros eventos, o ensaio “Do intertexto ao hipertexto: as paisagens da travessia”, de Marisa Lajolo, investiga as potencialidades do hipertexto como suporte para a leitura e a escrita intertextuais. Nas primeiras páginas, a autora define a intertextualidade e descreve de maneira bem didática algumas de suas modalidades. Além disso, demonstra que a intertextualidade exige capacidades específicas do leitor, gera determinados efeitos de sentido e articula em rede textos diversos. O hipertexto, forma de texto que apresenta *links* visíveis para outros textos ou arquivos sonoros e/ou visuais, torna aparentes e expande os procedimentos de intertextualidade ao abrir a possibilidade de diálogo entre códigos diferentes. Constituir-se-ia, assim, a intermedialidade (sic).

Em “Acervos literários e universo digital”, Maria da Glória Bordini descreve o trabalho de preservação, classificação e catalogação de acervos de escritores sul-rio-grandenses desenvolvido desde 1982 pelo Centro de Pesquisas Literárias do curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O advento da informática colocou os responsáveis pelo Centro diante de problemas de ordem prática e teórica. No

mundo do hipertexto e da circulação irrestrita de informações, o conceito de literatura associado ao texto impresso, à habilidade artesanal do escritor e aos gêneros tradicionais mostra-se inadequado. A precoce obsolescência dos programas de edição coloca em risco a edição eletrônica de textos raros, cujos arquivos devem ser freqüentemente atualizados. A fragilidade dos suportes materiais ameaça a conservação de dados. A reprodução por *scanners* coloca em risco a conservação dos papéis.

Embora anulem a materialidade dos itens constituintes (móbia, vestuários, *souvenirs*, edificações etc.), que perdem a aura de objetos únicos, as novas tecnologias permitiriam a reprodução e a difusão de acervos literários, além de possibilitar combinações variadas entre as diversas classes ou séries de documentos. Além disso, os modernos recursos tecnológicos, que colocam computadores em rede, possibilitariam a integração entre acervos, o que abre fascinantes possibilidades para a pesquisa.

Os dois textos seguintes apresentam temática semelhante. Em “Informação documentária”, Raquel Naschenveng Mattes trata dos pressupostos e condições para a construção de bibliotecas digitais. Já Sandra Lúcia Rebel Gomes trata das “Bibliotecas virtuais: principais ações para sua implementação e manutenção” e aventa a possibilidade de que o seu desenvolvimento realize a utopia da biblioteca universal; além disso, ressalta de forma oportuna que “os princípios da biblioteconomia e da documentação, ancorados na Ciência da Informação, continuam válidos no ciberespaço” (p. 62).

Sem desmentir essa afirmação, Célia Maria Leite Costa, autora do texto seguinte, intitulado “As novas tecnologias e os arquivos pessoais: a experiência do CPDOC”, enfatiza entretanto a necessidade de reverem-se *critériosamente* os princípios metodológicos da arquivologia em função das mudanças introduzidas pelas novas tecnologias de informação. A pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas descreve o acervo da instituição, que engloba arquivos pessoais de ex-presidentes da República, ministros de Estado e governadores, disserta sobre a constituição e a importância histórica dos arquivos pessoais e registra as mudanças por que passa essa modalidade de acervo sob o influxo das novas tecnologias. Cartas pessoais, apontamentos e esboços de textos, por exemplo, estariam em vias de desaparecimento, ao passo que nesses arquivos passariam a predominar relatórios técnicos, projetos e orçamentos.

A partir do trabalho realizado no Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) da PUC-SP, Viviane Tessitore considera “A informática como ferramenta do arquivista: construção e difusão de instrumentos de pesquisa em meio eletrônico”. Após definir o que, no âmbito da arquivística, entende-se por descrição de documentos e por instrumentos de pesquisa, dos quais se conhecem sete modalidades básicas, a Autora observa que as práticas arquivísticas são marcadas por acentuado empirismo, procedimentos subjetivos e uma correspondente ausência de reflexão teórica. Tal realidade seria inaceitável, pois “a teoria arquivística deve ser e é, em suas linhas gerais, aplicável a qualquer arquivo” (p. 89). Além

disso, a metodologia empregada na descrição de documentos e na elaboração de instrumentos de pesquisa não poderia, como vem ocorrendo, ser ditada por outra ciência, a informática. Por esses problemas todos, a normalização das práticas arquivísticas é um imperativo e vem sendo debatida por especialistas da área. No entanto, a Autora constata que algumas normas consagradas da arquivística já foram adaptadas por imposição dos equipamentos eletrônicos.

No texto intitulado “Banco de imagens: do consumo ao aprendizado”, Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, pesquisadoras do Museu Paulista da USP, discutem novos métodos de organização de bancos de imagens que adotam base automática não-lingüística. Segundo tais métodos, seriam considerados atributos formais da imagem como morfologia, cor, textura, dimensões, arranjo, matérias-primas etc. Os resultados atuais não são, no entanto, muito superiores aos alcançados com a utilização de descritores lingüísticos. De qualquer modo, os novos métodos podem avançar se várias disciplinas contribuírem para a resolução de dificuldades teórico-metodológicas na definição dos elementos pertinentes da descrição.

O livro encerra-se com o texto “Arquivo de imagem: TV Cultura de São Paulo”, de Mônica Ponce de Leon, chefe do Departamento de Documentação da emissora. A Autora descreve o trabalho de preservação de imagens na emissora, que enfrenta dificuldades originadas do avanço tecnológico, pois seu arquivo constitui-se de imagens preservadas em diferentes suportes materiais, que vão do filme de 16 mm, empregado nos primeiros dias da TV, a fitas magnéticas de diferentes bitolas. A Autora também revela os critérios observados para arquivamento e cessão das imagens dos programas da emissora.

A despeito da aridez de um ou outro texto mais técnico, o livro aqui resenhado expressa de forma significativa como diversas áreas do conhecimento estão sendo afetadas pelo avanço tecnológico, notadamente pelos modernos recursos de informática. De modo geral, os autores reconhecem inúmeros benefícios proporcionados pela tecnologia, mas aqui e ali reponta o temor difuso de que as máquinas imponham ao homem modos de fazer e pensar. O processo é, no entanto, inevitável. O homem constrói a máquina para seu uso, mas o uso da máquina modifica o homem... para o bem e para o mal.